

ARTÍCULOS

DINA: UMA GUERRILHEIRA NA DITADURA. BRASIL 1970-1975.

Cléria Botêlho da Costa¹
Universidade de Brasília
cleriabotelho@gmail.com

Resumo: Neste artigo, estabeleço um diálogo com Dinalva Oliveira Teixeira, integrante do enfrentamento de resistência á ditadura militar brasileira conhecido como Guerrilha do Araguaia que lutou pela implantação de uma utopia socialista no Brasil. Os rastros deixados por Dina nos conduziram ao argumento de que a biografia busca compreender os significados que o ser humano atribui a sua existência no mundo da vida, desse modo ela relaciona o individual e o social. Dinalva Teixeira de Oliveira era geóloga e durante a guerrilha tornou-se parteira, professora, dona de uma tabacaria, ocupações que a relacionava com os moradores da região o que propiciava uma apropriação da nova cultura da região onde vivia; sua interação com o outros, com o social. Destacou-se no confronto como eximia atiradora, veloz, destemida sem no entanto, perder a sensibilidade feminina.

Palavras-chave: Guerrilha, Araguaia, Brasil, ditadura, mulheres, sensibilidade.

Título: DINA: UNA DICTADURA GUERRILLERA. BRASIL 1970-1975.

Resumen: En este artículo, yo establezco un diálogo con Dinalva Teixeira Oliveira, miembro de hacer frente a la resistencia a la dictadura militar brasileña conocida como guerrilla Araguaia que luchó por la creación de una utopía socialista en Brasil. Las huellas dejadas por Dina nos llevaron al argumento de que la biografía busca comprender los significados que las personas atribuyen su existencia en el mundo de la vida, por lo que se refiere al individuo y lo social. Dinalva Teixeira de Oliveira era. Geólogo y durante la guerrilla se convirtió en partera, maestro, propietario de una tienda de tabaco, las ocupaciones relacionadas con los locales que proporcionan una nueva apropiación de la cultura de la región donde vivía, su interacción con los demás, con la sociedad. Se destacó en el enfrentamiento tan eximia tirador, rápido, valiente pero sin perder la sensibilidad femenina.

Palabras clave: Guerrilla, Araguaia, Brasil, dictadura, mujeres, sensibilidad.

Title: DINA: A GUERRILLA IN DICTATORSHIP. BRAZIL 1970–1975.

Abstract: In this article, I establish a dialogue with Dinalva Oliveira Teixeira, a member of coping with resistance to the Brazilian military dictatorship known as Araguaia guerrilla movement that fought for the establishment of a socialist utopia in Brazil. The traces left by Dina led us to the

¹ Professora do Departamento de História da Universidade de Brasília, em nível de Graduação e Pós-Graduação. Doutora em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo.

Recibido: 31-05-2013
Aceptado: 20-06-2013

Cómo citar este artículo: BOTÊLHO DA COSTA, Cléria. Dina: uma guerrilheira na ditadura. Brasil 1970-1975. *Naveg@mérica. Revista electrónica editada por la Asociación Española de Americanistas* [en línea]. 2013, n. 11. Disponible en <<http://revistas.um.es/navegamerica>>. [Consulta: Fecha de consulta]. ISSN 1989-211X.

argument that the biography seeks to understand the meanings that humans assign their existence in the world of life, thus she relates the individual and the social. Dinalva Teixeira de Oliveira was geologist and during the guerrilla became midwife, teacher, owner of a tobacco shop, occupations related with the locals which provided a new appropriation of the culture of the region where he lived, his interaction with others, with society. He excelled in the confrontation as eximia shooter, fast, fearless but without losing the feminine sensibility.

Keywords: Guerrilla, Araguaia, Brazil, dictatorship, women, sensitivity.

1. Introdução

Guerrilheiro nada teme
Jamais se abate
Afronta a bala a servir
Ama a vida, despreza a morte
E vai ao encontro do porvir (...)
Canção dos guerrilheiros

Reconstruir memórias é pensar o passado não como mera nostalgia, mas como reduto das experiências de outros sujeitos que nos antecederam na escala da vida e com eles estabelecer um diálogo. É com esse sentido que, neste artigo, estabeleço um diálogo com Dinalva Oliveira Teixeira, integrante do enfrentamento de resistência à ditadura militar brasileira conhecido como Guerrilha do Araguaia, na tentativa de dar visibilidade a vida de sujeitos que lutaram, sofreram e amaram o país e assim reconstruir um pouco desse período da nossa história, ainda tão obscuro. Todavia, tenho clareza da parca possibilidade de reconstruir o passado em sua plenitude, nos rastros de Benjamin, articular o passado historicamente não significa conhecê-lo em sua inteireza, mas “significa apropriar-se de uma reminiscência tal como ela relampeja no momento de perigo”². Em outros termos, significa reconhecê-lo como fragmentado, como mutável e que corre o risco de ser interpretado sob o olhar dos vencedores.

Vale ainda lembrar que os rastros de Dina nos documentos de acesso público ainda são poucos, uma vez que a abertura de arquivos da ditadura brasileira só foram iniciados em 2012 com a criação da Comissão Nacional da Verdade. Além disso, o conteúdo desses documentos, em geral, são registros dos momentos de tensão entre guerrilheiros e militares, oferecem escassas informações sobre o fazer cotidiano dos guerrilheiros. Todavia, como todo pesquisador é um colecionador, paulatinamente, fui juntando, lapidando e colecionando as informações coletadas em diferentes documentos as quais, posteriormente, foram ressignificadas e apresentadas sob a forma de narrativa histórica. O argumento com o qual trabalho é o de que a biografia busca compreender os significados que o ser humano atribui a sua existência no mundo da vida, desse modo ela relaciona o individual e o social.

Dinalva Teixeira de Oliveira é uma personagem singular da historia brasileira que se consubstancia nas pessoas comuns, nos movimentos, formalmente, não vitoriosos; nas desesperanças, enfim nas vozes destoantes dos excluídos, em contraposição a história oficial celebrativa que canta as batalhas gloriosas, os heróis oficiais do país. Pesquisar sua trajetória, analisar sua vivencia e seu imaginário podem ser excelentes caminhos para compreender aquela conturbada década de

² BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Vol. I. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 227.

1970 e proximidades. A biografia de Dina abriga a possibilidade de encontro entre as representações de dois mundos, aparentemente dicotômicos que permeavam a sociedade brasileira: “comunistas versus militares”. O imaginário de Dina expressa ainda o imaginário de um punhado de homens e mulheres que pegou em armas para enfrentar as Forças Armadas com o desejo de implantar uma utopia socialista no Brasil.

2. O chamado para a luta

Era maio de 1970 quando um grupo de estudantes universitários, por solicitação do Partido Comunista do Brasil (PC do B) deslocara-se para a região do Araguaia, espaço de grande conflito rural brasileiro e de atuação da Igreja Católica Progressista. Desse modo, propicio à preparação para uma guerrilha rural. A região escolhida compreendia uma área de 6.500 km entre as cidades de São Domingos e São Geraldo, às margens do rio Araguaia. Eram jovens na faixa de 20 a 28 anos, quase todos, estudantes universitários, de diferentes regiões do país, que nas cidades, em geral, participavam do Movimento Estudantil, organização que manifestou forte resistência à repressão que assolara o país desde o golpe militar de 1964. Todavia, vale realçar que desde 1966, quando o país já vivia clima ditatorial o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) começa a deslocar grupos de militantes para a formação futura de um “Exercito Popular de Libertação” naquela região - opção política de organizações partidárias que escolheram o caminho da luta armada para marcar oposição ao regime militar. Era a primeira tentativa de resistência organizada no meio rural brasileiro. Nas cidades, no mesmo período, já grassavam outras estratégias de resistência como assalto a bancos e seqüestros. A documentação consultada sinaliza que no início de 1972 havia cerca de setenta guerrilheiros, ali, sob o comando político de Mauricio Grabois, conhecido na região como Velho Mário e João Amazonas.

Todavia, uma indagação se faz presente aos pesquisadores que buscam reconstruir o passado brasileiro – o que levou esses jovens universitários, cidadãos a se embrenharem nas matas do interior do Brasil abandonando a casa paterna, seus nomes de família, seu emprego e profissão, seus documentos de identidade, a escolherem a clandestinidade como forma de sobrevivência em seu próprio país? Não tentarei responder essa indagação, mas lançar algumas pistas para a reflexão. Inicialmente, nos rastros de Hannah Arendt entendo que todo ser humano não pode ser pensado fora do seu estatuto político, uma vez que ela (a política) se realiza na ação conjunta, ou seja, toda ação humana é política e, conseqüentemente, todo homem enquanto ser gregário é político. Nesse sentido, entendo que os jovens universitários que se dirigiram para o Araguaia foram em parte movidos por uma prática política gregária que os unia em torno de um imaginário³ de liberdade e justiça para todos os brasileiros, em busca de um tempo em que a miséria e a opressão não fossem mais do que figura desbotadas na memória das novas gerações. No imaginário desses jovens a experiência, a satisfação coletiva, o bem comum parecia ser o móvel da existência humana . Situação bem diferente do momento histórico em que vivemos (século XXI) no qual a satisfação coletiva perdeu

³ Imaginário no sentido proposto por Castoriadis enquanto criação, criação de um outro tempo, um outro momento histórico para o Brasil . Ver CASTORIADIS, C. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

espaço para a satisfação individual⁴.

Por outro lado, aquele grupo de jovens que se dispusera a deixar a comodidade da vida urbana, seus familiares, cortar os laços afetivos enraizados no espaço urbano já vivera, na cidade experiências coletivas no movimento estudantil, em trabalhos sociais, parece já conduzirem a compreensão de que a experiência, o vivido se configurava como o centro da existência humana. O mundo, para eles, na minha interpretação⁵, não se realizava apenas no pensamento, mas também no vivido, logo o vivido e o pensamento deveriam se imbricar na construção do conhecimento e na construção/reconstrução do mundo⁶. Assim, vivenciar uma experiência de guerrilha, além de ser uma prática de resistência à ditadura militar brasileira, era também um sonho acalentado no sentido de fazer valer, no Brasil, a quimera de uma república socialista. Desse modo, vivência e pensamento se unificavam no pensamento daqueles jovens.

Além disso, vale lembrar que nos anos 70, no Brasil, ainda que não explicitamente, o pensamento de grandes líderes revolucionários como Marx, Lênin, Trotski, Mao, Guevara, Engels eram debatidos, o que sem dúvidas reforçava o imaginário coletivo e revolucionário de muitos dos estudantes que se dirigiram ao Araguaia. Historicamente, desde a década de 60, a partir das inúmeras cisões ocorridas no Partido Comunista Brasileiro as organizações partidárias eram, em sua maioria adeptas da denominada Teoria do Foco Guerrilheiro, segundo a qual a revolução deveria ser feita e conduzida a partir da proliferação de “focos guerrilheiros” segundo o pensamento de Régis Debray, intelectual francês, companheiro de Che Guevara nas selvas da Bolívia. Desse modo, apreendo que essa discussão sobre o imaginário de grandes líderes revolucionários também corroboraram para construir/reforçar o imaginário revolucionário dos jovens que buscaram o Araguaia.

3. A Identificação da guerrilheira

Dentre os jovens que se dirigiram ao Araguaia encontrava-se Dinalva Oliveira Teixeira (1945-1974) ou simplesmente Dina, seu codinome, como era conhecida na região. Era formada em geologia, baiana da cidade de Castro Alves e militante do PC do B. Em 1969, casou-se com um colega de curso, também militante do PCdoB - Gilberto Olimpio Moreira - e se deslocaram para o Rio de Janeiro onde trabalharam no Departamento de Nacional de Produção Mineral, órgão do Ministério de Minas e Energia. No Rio de Janeiro desenvolveram trabalho social em favelas. Desse modo, ambos, de forma consciente, relacionavam-se e interagiam com o outro no mundo da vida⁷. Por meio dessa experiência social, Dina e colegas iam percebendo o outro, o diferente delas, iluminando o conhecimento de si e ao mesmo tempo atribuindo significação ao mundo, ao seu país, perpassado pela falta de liberdade de expressão, pela desmedida opressão, fatos que impulsionavam à luta os mais sensíveis à dor, ao sofrimento do outro.

⁴ FREIRE, Jurandir. *O Vestígio e a Aura*. São Paulo: Garamont, 2007, p. 46.

⁵ A hermenêutica possibilita a interpretação de um conteúdo, de um significado manifesto ou escondido. RICOEUR, P. *O conflito das interpretações: ensaios da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

⁶ PONTY, Merleau. *A fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 143.

⁷ RICOEUR, P. *Teoria da interpretação*. Lisboa: Edição 70, 1976.

Ao chegarem à mata, Dina e companheiros abriam clareiras, improvisaram moradias e buscavam conhecer e aprender a transitar na mata úmida e cheia de espinhos sob o sol escaldante que cobria a região. No anonimato ela tornou-se na região professora e parteira, ocupações que, na minha percepção, simbolizam trazer ao mundo vidas ou iluminar mentes para uma nova leitura do mundo, fazê-los nascer de novo. Nesse sentido, ambas significavam trazer ao mundo novas pessoas, novas vozes, novas possibilidades de resistência. Outros companheiros faziam atendimento médico, distribuía medicamentos, abriram pequenos comércios, bares, prestavam atendimento médico de casa em casa, faziam partos, caçavam com os moradores do local, plantavam roças, transportavam pessoas e víveres em canoas pelo rio Araguaia. Ao lado daquelas atividades, faziam pequenas reuniões políticas com os moradores da região, participavam de festas de aniversário, de casamento, de batizado, dentre outras.

Além disso, Dina tinha um pequeno comércio de vendas e bebidas que ficou conhecido como Tabacaria da Dina⁸. Assim, os novos moradores ou “os paulistas” como eram chamados, buscavam estabelecer uma articulação/negociação entre seus valores culturais de citadinos e os valores culturais do mundo rural onde ora viviam, buscavam se apropriar da cultura, do cotidiano daquela gente simples, bem diferente deles e ao mesmo tempo conquistar a confiança política. Com esse propósito Dina e seus companheiros iam conquistando a estima dos moradores locais e, aos poucos, o grupo dos “paulistas” crescia.

Por outro lado, Dina e seus companheiros deixaram seus nomes familiares para trás e ali, passaram a ser conhecidos por codinomes. Inicia-se desde então o processo de identificação desses jovens como guerrilheiros, processo fortalecido pelo treinamento físico e conhecimento da mata, pelo exercício das ocupações que ajudavam os nativos, pela participação em atividades do local e sobretudo pela negociação cultural entre a cultura letrada deles e a cultura dos nativos, em geral não letrada. Destarte, entendo que a identidade deles de cidadão, de profissionais ou de estudantes universitários não se esgarçaram pelas novas condições de vida que assumiram. Essa identificação do grupo enquanto guerrilheiros é expressa pela forma como se organizaram na região – por destacamentos, pelo uso de codinomes, pela solidariedade entre os companheiros, por se constituírem como um grupo autodenominado de Forças Guerrilheiras do Araguaia. Desse modo, na esteira de Stuart Hall⁹ “os paulistas” no novo lugar tiveram seus processos de identificação ampliados, a nova identidade de guerrilheiros ia se forjando na lida cotidiana na selva e, ao mesmo tempo se agregava as outras identidades que já carregavam consigo abrindo espaço para a compreensão da identidade como plural.

Ainda sobre a aprendizagem cotidiana da vivência na selva, Dina e companheiros, com idade média inferior a 30 anos, no auge do vigor físico, estocavam alimentos, munição e remédios em pontos esparsos da mata e faziam treinamento militar, acostumando-se à vida na selva. Aprenderam a fazer fogo e caminhar duzentos metros em mata fechada sem se perder no caminho de volta¹⁰. O treinamento constante fazia com que alguns deles já fossem capazes de sobreviver sozinhos na mata levando consigo apenas arma, munição, sal e farinha. As

⁸ STUART, Carlos Hugo. *A Lei da Selva*. São Paulo: Geração editorial, 2006, p. 67.

⁹ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 36.

¹⁰ Disponível em <www.desaparecidospoliticos.org.br>. [Acesso em: 02/10/2012].

ocupações exercidas por Dina, bem distantes de sua profissão, a possibilitavam a penetrar no cotidiano dos moradores da região, conhecê-los e fazer-se conhecida para, com eficiência, cumprir a sua missão política. Outra atividade do cotidiano do grupo era percorrer, em visita, as casas dos moradores. Nessa ocasião compravam arroz, sem dúvidas uma forma de ajudar na comercialização dos artigos agrícolas produzidos pelos moradores da região, e ao mesmo tempo distribuíam manifestos do PCdoB no qual apontavam promessas de que após a derrocada do regime militar seriam instaladas na mata escolas e hospitais. Um nativo ao reconstruir as lembranças da época narrara que: “ao entregarem os folhetos, ‘os paulistas’ diziam que só a gente podia salvar a gente mesmo, que quem tivesse dinheiro estava contra a gente”¹¹. Em suma, “os paulistas” como eram chamados pelos nativos, buscavam apropriar-se da cultura dos moradores da região, do modo como viviam aqueles que moravam na terra que, pela via do coração, também já era sua e ao mesmo tempo faziam um discurso político sobre os males da ditadura e as benesses de um mundo socialista.

Todavia, apesar do esforço em se passar e se misturar com a população local, a aparência, modos e maneira de se expressar não condiziam com a população mais antiga já instalada no Araguaia. O “povo da mata”, na linguagem dos nativos, não fazia sentido naquele ambiente. A “gente sabida”¹² era aceita pela comunidade mas não os enganava. Quando um dos guerrilheiros disse a um nativo local que um sobrinho de “Cid” era bom de facão, recebeu como resposta: “Deve ser bom mesmo é de caneta”¹³. Para cumprir a meta política almejada pelo PCdoB, documentos do Arquivo Nacional, mostram que os novos moradores da região organizaram-se em cinco grupos ou destacamentos, como eles denominavam, os quais eram constituídos, em média, por 17 guerrilheiros. Os integrantes de cada destacamento viviam em uma mesma casa localizada em um povoado. Todavia, os diversos destacamentos estavam distribuídos em diferentes espaços geográficos (povoados).

Inicialmente Dina e seu então companheiro integrava o destacamento C, posteriormente mudou para o destacamento B sob o comando de Osvaldão, situado no povoado de Pedro Careca e chegou a ocupar o posto de subcomandante do destacamento, única mulher a ocupar tal posto. Se destacou dentre os demais companheiros por ser exímia atiradora, de grande preparo físico, espírito de liderança e personalidade decidida¹⁴, empunhou armas e foi literalmente à luta como se verá posteriormente. Além de excelente atiradora, a narrativa de Valkiria, uma das companheiras de Dina que sobrevivera aos ataques, rememora: “Dina tinha temperamento forte, mulher decidida, mesmo no infortúnio não levava desaforo para casa, era uma leoa. A baiana Dina deixou fama de braba, valente, daquele tipo de mulher que mesmo no infortúnio da covardia não levava desaforo, pois, se fosse preciso, xingava mesmo. Presa, foi esse o seu comportamento, o de uma guerreira contra a crueldade impetrada contra o povo que os havia recebido com simplicidade e amizade”¹⁵.

¹¹ Disponível em <www.desaparecidospoliticos.org.br>. [Acesso em: 02/10/2012].

¹² *O Estado de São Paulo*, 14/09/78, p. 20: “Araguaia: efetivo chegou a 6.000”.

¹³ Disponível em <www.desaparecidospoliticos.org.br>. [Acesso em: 02/10/2012].

¹⁴ Disponível em <www.desaparecidospoliticos.org.br>. [Acesso em: 02/10/2012].

¹⁵ Disponível em <www.rebellion.org/hemeroteca/brasil/04026>. [Acesso em: 02/10/2012].

Seu marido, na região, era conhecido como 'marido da Dina'. Destarte, junto a esse temperamento forte e decidido grassava a sensibilidade e a delicadeza. Segundo relatos de moradores da região¹⁶, ela ficava na cabeceira das parturientes, esperando com paciência o momento de retirar os bebês. Acarinhava, conversava, acalmava as futuras mães. Sobre a sua sensibilidade Valkiria ao reconstruir suas lembranças recorda o carinho de Dina tratando de feridas na perna de Antonio, que já não era mais seu marido. Cuidava dele com o carinho de uma mãe. Quando a comida era feita por ela, lembra Val, todos ficavam felizes, o clima era de festa¹⁷. Em narrativas orais de moradores da área apresentadas no livro *A guerrilha do Araguaia e as mulheres do Brasil*, moradores relatam o convívio saudável dos habitantes do local com "os paulistas". Um deles reconstrói suas lembranças quase 30 anos depois:

Sinto saudade deles, era gostoso chegar na casa do Joça e de dona Maria (Elza Monerat) e tomar aquele café diferente (eles não colocavam o açúcar direto na água, como é costume na região) e depois um ajudava o outro, nas coisas de casa, na minha roça, e eles trabalhavam o tempo todo, sempre arrumavam algo para fazer. Sinto falta daquela amizade¹⁸.

Outro morador narra trecho de um poema que fizera em homenagem aos 'paulistas': "homens que foram o sonho, quando o sonho fugiu deles" (...) ¹⁹. Os trechos de relatos apresentados antes sinalizam que, embora "os paulistas" levassem uma vida de judeu errante, por entre povoados e selva, vivenciavam um processo de coletivização da experiência individual da qual os sentimentos e emoções não se apartavam. Na esteira de Ponty²⁰ entendo que a afetividade entre homens e mulheres daquele grupo era repassada no cotidiano vivido, pelo olhar, pelos gestos, pela solidariedade entre eles seja no curativo das chagas das torturas, num aperto de mão ou simplesmente num olhar de aprovação e até mesmo pelo silêncio que algumas vezes, podia significar cumplicidade. Desse modo, a sensibilidade é uma dimensão constitutiva do ser humano.

Vale realçar que à medida que fora se fortalecendo a identidade do grupo como guerrilheiro, eles sentiram a necessidade de criar regras disciplinares para o grupo até mesmo como forma de autodefesa, uma vez que se tratava de um grupo com voz destoante da tirania militar que assolava o país. Nesse quadro conjuntural, o grupo do Araguaia criou o seu regulamento de "justiça militar revolucionária" que normatizava o comportamento dos membros do grupo. Documentos da época assinalam que era prática comum nos destacamentos o 'justiçamento' dos companheiros que não cumprissem as determinações do Regulamento. No destacamento B do qual Dina era a subcomandante, em agosto de 1973, ocorrera um caso de desobediência praticado por 'Mundico' acusado de manter triângulo amoroso com o casal de guerrilheiros Arildo Valadão e Áurea Valadão o qual foi acusado pelo Tribunal Revolucionário das Forças Guerrilheiras do Araguaia de trair a revolução.

¹⁶ *Ibidem*.

¹⁷ Disponível em <www.rebellion.org/hemeroteca/brasil/04026>. [Acesso em: 02/10/2012].

¹⁸ SECRETARIA DOS DIREITOS HUMANOS. *A guerrilha do Araguaia e as mulheres do Brasil. Direito à memória e à verdade*. São Paulo: Caros Amigos Editora, 2010, p. 52.

¹⁹ Disponível em <www.rebellion.org/hemeroteca/brasil/04026>. [Acesso em: 02/10/2012].

²⁰ PONTY, Merleau. *A Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p 32.

Foi julgado por cinco companheiros dentre os quais Dina. Sete camponeses testemunharam a cena. Amarrado numa árvore com as mãos nas costas, Mundico escutou a acusação. Foi sentenciado ao “justiçamento” - a morte, por fuzilamento - por unanimidade dos votos. Quem o executaria? Dina levantou-se em silêncio e caminhou em direção ao companheiro. Parou a dois metros de distância e apontou o Taurus calibre 38 para o coração de Mundico. Ele nada falou, não chorou, não pediu clemência. Apenas encarou Dina nos olhos na hora em que ela apertou o gatilho. Os companheiros enterraram Mundico ali mesmo. Essa prática de “justiçamento” executada por Dina fora dissipada pelos quatro cantos da região e fez aumentar o respeito e a admiração dos nativos por ela²¹. Assim, por sua vivência cotidiana ela ia, paulatinamente, se configurando como símbolo de coragem e resistência na região do Araguaia.

A execução de companheiros, de inimigos de toda natureza fora prática comum aos jovens envolvidos em guerrilhas urbanas ou rurais. Carlos Lamarca, por exemplo, matou de próprio punho o guarda civil Orlando Silva Saraiva, durante assalto a banco em São Paulo, com um tiro na testa e outro na nuca. Depois durante o treinamento guerrilheiro no Vale da Ribeira (estado de São Paulo) prendeu e determinou a execução, de um tenente da polícia militar que teve a cabeça estourada com golpes de coronha de fuzil²². Alfredo Sirkiss relata o diálogo que manteve com Lamarca quando lhe cobrou a forma desumana de execução. “Era ele ou nós”, justificou Lamarca²³. Certamente, a execução praticada por Dina fora mais inusitada por se tratar de uma mulher cuja representação no imaginário do brasileiro era de fragilidade e muita doçura. Embora vivêssemos, nos anos 70, um momento histórico de libertação da mulher traduzido pelo uso da pílula, pelo amor livre e, conseqüentemente, pela busca da sua independência bem como sua igualdade em relação ao homem, os valores, os costumes tradicionais conviviam em um palimpsesto reafirmando a coexistência de valores modernos e tradicionais em um mesmo período histórico. Assim, a influência do movimento hippie internacional presente nas vestimentas, no comportamento pelo amor livre conviviam, sobretudo no meio rural, espaço da guerrilha do Araguaia, com representações da mulher tradicional, dona de casa, sem vontade própria, cujas tarefas se centravam em mãe e esposa. Diante disso, a prática de execução realizada por Dina transfigura a sua imagem de mulher submissa em mulher guerrilheira, forte e corajosa.

Importa rememorar que a ditadura militar brasileira vivia a sua segunda fase iniciada em 1968, com o Ato Institucional nº 5 e se estendeu até 1975. Foram anos do recrudescimento do regime militar no Brasil, conhecidos popularmente como anos de chumbo. De 1970 a 1975 o país esteve sob a égide do General Emilio Garrastazu Médici cujo governo propalou por todo o território nacional como, dentre outros, adesivos de carro e cartazes, o slogan – “Brasil: ame-o ou deixe-o”. Slogan que, na minha interpretação, pautada na linguagem simbólica apresentada, significava um convite a todos aqueles que não aceitavam o regime de repressão a se retirar do solo pátrio. Em outros termos, amar o país, para os detentores do poder, tinha o sentido de não resistir, de conformismo, de aceitação da situação vigente.

²¹ Ver STUDART, Carlos Hugo. Op. cit., p. 66.

²² Tenente Alberto Mendes Junior. In: USTRA, Carlos Alberto Brillhante. *Verdade sufocada. História que a esquerda não quer que o Brasil conheça*. Curitiba: Ed. Brillhante Ustra, p. 277.

²³ SIRKISS, Alfredo. *Os Carbonários*. São Paulo: Record, 1998, pp. 333-335.

No entanto, ao longo dos 21 anos de regime, em nenhum momento a sociedade brasileira deixou de manifestar seu sentimento de oposição. Foi nesse momento histórico de maior rigidez do regime militar, a partir de 1968, que algumas organizações partidárias, como o PCdoB, optaram pela luta armada como forma de enfrentamento ao poder dos militares.

4. O alvorecer da guerrilha

Era março de 1972, um ano e nove meses após a chegada dos “paulistas” aquela região, os tambores rufaram não para anunciar o início de uma nova era no Brasil, para desvelar a chegada dos déspotas que manipulavam a seu favor os delicados fios da ideologia autoritária. Ali, desembarcaram agentes federais, como elucida a narrativa de José Genoíno Neto, guerrilheiro sobrevivente, oferecida ao *Jornal O Movimento*:

Em março de 72 fui para Xambioá. Sempre ia fazer compras – sal... A mulher do hotel me conhecia bem e falou: - Olha, passaram os federais aqui procurando terrorista²⁴.

Todavia, apreendo que o trecho da narrativa a cima apresentada será melhor compreendida a partir da intertextualidade, ou seja, a partir da relação entre a chegada dos militares ao Araguaia e dos demais acontecimentos da época. Nos conhecidos anos de chumbo o bipartidarismo foi destroçado, reafirmando a tirania dos militares; em 1967 tentam fazer calar as vozes populares, dos intelectuais e dos artistas que se cruzavam em um canto polifônico em favor da liberdade, que buscavam construir uma outra verdade que não a oficial, a imprensa não podia anunciar um outro discurso que não o do poder; as cassações de mandatos foram retomadas, os direitos individuais foram suspensos e o congresso foi fechado. Em suma, o golpe militar de 1964 institucionalizou a detenção, a prisão, o sequestro, o banimento, a tortura, o assassinato e o desaparecimento, deixando um legado sinistro: mortos e desaparecidos políticos, uma legião incontável de militantes – homens e mulheres – presos e torturados e histórias de vidas feitas de silêncio.

A constituição de 1967 foi substituída, por decreto, pela de 1969. O regime se espelhou na estratégia norte americana de contensão do comunismo, sintetizada na Doutrina de Segurança Nacional. Tal doutrina ancorava-se na tese de que o inimigo da pátria não era mais externo, mas interno. Desde então, a Segurança Nacional e o inimigo externo constituíram os pilares da ditadura militar. Para enfrentar esse novo desafio foram criados os órgãos tais como: Delegacias Estaduais de Ordem Política e Social (Dops), Departamento de Polícia Federal, Destacamento de Informações de Operações/Centro de Operações de Defesa interna, o temível, DOI-CODI, marco legal para cobrir juridicamente à escalada repressiva. Esse quadro histórico repressivo fora comum aos regimes políticos ditatoriais dos países do Cone Sul: Brasil, Argentina, Uruguai e Chile.

A partir de então, a ditadura lançou uma ofensiva fulminante às organizações armadas de oposição. Essa foi iniciada pelos grupos de guerrilha urbana até em 1972 chegar ao grupo de guerrilha rural – o do Araguaia como indicado anteriormente e reafirmado no artigo de Hugo de Abreu publicado no jornal *A Folha de São Paulo*, de intitulado “Em Xambioá a luta é contra guerrilheiros e atraso”

²⁴ *O movimento*, 17/07/1978.

revela a chegada de forças da segurança nacional na área:

A 12 de abril – a data é lembrada pelo ‘gerente’ do hotel. Nossa Senhora de Fátima, em Xambioá – chegou o Exército guiado pelo sistema de informações de segurança, um grupo de oficiais à paisana se hospedou no hotel e começou a atuar²⁵.

Essa citação é um vestígio dos tempos idos que pela voz do seu autor desvela, explicitamente, a ofensiva militar contra a resistência do grupo do Araguaia e ousa, pela retórica do discurso da modernidade, qualificá-lo como arcaico, tradicional. Estava então iniciada o primeiro momento da guerrilha travada entre militares e “os paulistas”. Desde então, estes suspenderam a vida cotidiana nas cidades e povoados e se entocaram mata adentro, não como fuga a luta, mas certamente para criar/recriar formas de luta para a sobrevivência. Com a chegada das Forças Armadas às cidades e aos povoados a paz se esvai e, aqueles espaços se transformam em cenários de terror como mostra o artigo:

Desde então, Xambioá já era outra: todas as ruas eram intensamente patrulhadas, cartazes com fotos de terroristas pontilhavam paredes e pôsteres. Eles (as Forças Armadas) entraram na mata pensando que não haveria problemas, mas só num dia, perto de Brejo Grande, morreram dezesseis soldados, disse a Veja um integrante do 51º Batalhão de Infantaria da Selva²⁶.

Além de instituírem o terror, as Forças Armadas tiveram dificuldades no enfrentamento com o pretense inimigo, não somente por desconhecerem os segredos da mata virgem da Amazônia e pelo efetivo conhecimento da mata pelos “paulistas”: mas também pela desconfiança dos moradores da área, em ajudá-los, dentre outras. O despotismo dos militares sofre um golpe no esperado como situa o relato a seguir:

A primeira etapa das operações antiguerrilheiras, encerrada em julho de 1972, reservou alguns dissabores para o Exército. Ainda em abril, um dos primeiros destacamentos ao vasculhar a selva foi emboscado por um grupo chefiado por Osvaldão, na localidade de Santa Cruz. Um sargento da Aeronáutica morreu e os Soldados restantes bateram em retirada (...) ²⁷.

No terceiro dia da operação “Peixe”, o grupo de repressão aos comunistas, depois de já haver queimado livros, picotado plantações e atado fogo em roçado²⁸ Rememora Cid, um agente da repressão no Araguaia Gilberto recebeu notícias sobre a existência de outro grupo de “paulista” na região, do qual Dina pertencia: “Já havia ouvido falar dela (Dina), ela batizava muitas crianças na área para fazer amizade com os caboclos”²⁹. Esse pequeno trecho da fala anunciada a cima revela que a popularidade de Dina ultrapassava os limites físicos da região era reconhecida até mesmo pelos executores da ditadura militar. Durante essa primeira fase do confronto Dina troca de companheiro, passa a viver com Pedro Gil. No entanto, ao chegar a milícia no Castalhal da Viúva, local apontado para o encontro deles já haviam partido. Seguramente, a esperteza e agilidade da subcomandante, auxiliadas

²⁵ *O Estado de São Paulo*, 06 /09/1978.

²⁶ *Veja*, 5/09/1978: “As Guerras Secretas”.

²⁷ Disponível em <www.desaparecidospoliticos.org.br>. [Acesso em: 08/10/2012].

²⁸ STUART, Carlos Hugo. Op. cit., p. 104.

²⁹ *Ibidem*.

pelo espírito solidário dos companheiros, ajudaram nessa fuga.

Abatida, a milícia deixa a selva, espaço da experiência sonhadora dos “paulistas”, para retornar dois meses depois, como revela o relato:

Em setembro, todavia, o Exército voltou – e já com a estratégia reformulada. Coordenadas por três generais - Antônio Bandeira, Viana Moog e Hugo Abreu - as tropas contariam nos meses posteriores. Com a assessoria do coronel Hermes de Oliveira, do Exército português, um veterano das guerras coloniais na África. Agentes dos órgãos de segurança foram espalhados pelos lugarejos e fazendas da região (...) ³⁰.

Nesta fase, militares cruzavam as cidades e povoados à paisana e como fora comum na ditadura militar, eles guardavam consigo o segredo das táticas, das cruzadas, o segredo do discurso do poder que camuflava traições, emboscadas, fuzilamentos, torturas. Eram segredos partilhados que se mantinham no campo do indizível, do impronunciável. Afinal, de acordo com Bakhtin ³¹, são os escândalos, as excentricidades que “destroem a integridade épica e trágica do mundo, abrindo uma brecha na ordem inabalável”. No segredo, no silêncio residia então grande parte do poder dos ditadores, dos regimes totalitários. Documentos assinalam que se dirigiram para a região, no período, cerca de 3.500 militares procedentes de diferentes destacamentos do Brasil com o propósito de aniquilar o foco de guerrilha. Desta vez, os militares se preocuparam com a população e, no sentido de buscar a colaboração desta, faziam atendimento médico, dentário e até a distribuição de medicamentos.

Nesse novo ataque, os “paulistas” continuavam nômades no meio das matas, evitando deslocamentos por estradas ou picadas ³². Vagavam pela mata e nas horas mortas da noite palmilhavam rumo aos demais destacamentos em busca de alimentos e de notícias dos companheiros. E, nesse percurso, muitos deles foram acometidos de doenças, como: malária, hepatite, leishmaniose, dentre outras. Mas o governo totalitário não se contentava só com o isolamento, com a solidão em que viviam aqueles homens e mulheres - a experiência de não mais pertencer ao mundo; uma das mais desesperadas experiências que o homem pode ter ³³. O isolamento dos companheiros, do mundo faz surgir desconfiças, medos, e até pretensões tirânicas que não existiam caso eles ainda se sentissem interligados. Possuídos por esses sentimentos, “os paulistas” matam dois militares e em contrapartida foram cinco os companheiros de sonho que tingiram aquele solo com fios de sangue. O Diário do Velho Mario registra que:

(...) em setembro o destacamento C teve mais quatro baixas fatais (...) quando irrompeu um violento tiroteio entre guerrilheiros e militares. Dina caiu fora, tendo uma bala arranhado seu pescoço. Assim, o destacamento C ficou desfalcado de 11 combatentes, sendo 7 mortos e 4 feridos ³⁴.

O Diário denota que no meio do tiroteio, do fogo cruzado a subcomandante Dina consegue sobreviver à segunda guerrilha. Com arranhões de bala no pescoço, ela

³⁰ Disponível em <www.desaparecidospoliticos.org.br>. [Acesso: 08/10/2012].

³¹ BAKHTIN, Michail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense, 1981, p. 101.

³² STUDART, Carlos Hugo. Op. cit., p. 134.

³³ ARENDT, Hanna. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 527.

³⁴ Apud STUDART, Carlos Hugo. Op. cit., p. 136.

fugiu confirmando a sua destreza e preparo militar para o enfrentamento entre desiguais e de forma muito desigual. Segundo o *Relatório da Marinha* apresentado, em 1973 ao Ministro da Justiça, ela portava no cotidiano uma arma atravessada no peito que aparentava ser automática e era semelhante as usadas pelo Exército. Registra ainda comentários de Dina de que o grupo estava preparado para vingar os companheiros mortos durante as operações militares ocorridas em setembro de 1973, ou seja, no quadro da segunda guerrilha. Comentários da subcomandante mostram que ela parecia ter um espinho na alma, um espírito inquieto, incapaz de subserviência ao nepotismo, parecia a cada momento querer refutar que a tirania não penetrasse no seu espaço, um dos mais ricos espaços de resistência do país. Possivelmente, a voz de Dina representava a memória coletiva do grupo ao qual pertencia.

Em outubro de 1973 as Forças Armadas deixaram, novamente, a região. Todavia, nas vésperas do Natal o canto de paz fenece. Novo turbilhão se acende na área, a conhecida operação “Sucuri”. Nesta operação, homens do comando militar à paisana, barbudos e cabeludos, ao estilo da época, se misturavam com “os paulistas” no cotidiano. O Dossiê Araguaia³⁵ registra que dois agentes disfarçados de posseiros foram abordados pela Subcomandante. Essa disse-lhes que iria matá-los caso não se declarassem ligados aos militares. Eles mantiveram suas negativas. Dina encostou o cano de sua arma na cabeça de um deles e fez a mesma pergunta, obteve novamente a resposta negativa. Dina acionou o gatilho do revolver, mas como ela sabia, ele estava sem munição.

Essa prática de Dina estava plena de significados. Na minha interpretação, revelava aos posseiros que os inimigos dos “paulistas” não eram eles, portanto, poderiam ser amigos. Por outro lado, a desconfiança dela se pautava na realidade daquele momento em que vivíamos. Pela prática constante do segredo, do silêncio e das infiltrações, a ditadura militar estimulava a desconfiança em tudo e em todos. Nas vésperas do Natal ocorreu o maior combate no Araguaia, na noite de 25 para 26 de dezembro de 1973. Segundo o Dossiê, após esse embate ficaram vivos apenas 10 guerrilheiros, dentre os quais a destemida Dina que, mesmo acometida de malária, por entre arbustos e espinhos, conseguiu fugir da emboscada em companhia de Luiza Garlipe, a Tuca.

O Dossiê Araguaia relata que elas na fuga encontraram um camponês em um barco, meio de transporte comum na região. Como tinham pouco dinheiro para pagar pelo barco para a fuga, ofereceram-se como mulher e foram rejeitadas pelo camponês. Acometidas de leishmaniose tinham o corpo repleto de “curubas”. Esse camponês, na memória dos militares, as entregou ao Exército. Foram levadas para a Casa Azul, em Marabá, onde ficaram duas noites antes de serem executadas. Durante o interrogatório que antecedeu a sua morte, Dina colocara: “Vocês podem me torturar, mas não vou contar nada”. Até em seu último momento defendeu a revolução armada, desejava partir para o confronto com os militares. Sua garra em defesa de um sonho coletivo fora explicitada até mesmo nos minutos que antecederam seu fuzilamento, como mostra o diálogo que manteve com seu algoz, Ivan:

³⁵ *Ibidem*, p. 175.

“Vocês vão me matar agora?”
“Não, mais na frente um pouco”.
“Vou morrer agora?” Perguntou Dina novamente.
“Vai, agora você vai ter que ir”
“Eu quero morrer de frente”, pediu.
“Então vira para cá”.

Relatos do executor sinalizam que ela virou e o encarou nos olhos. Transmitia mais orgulho do que medo³⁶. Ele aproximou e lhe estourou o peito com uma pistola calibre 45. Assim, morre Dina, mulher que, por sua determinação e coragem, os demais guerrilheiros a obedeciam, pela agilidade e destreza militar, que era temida pelos militares e que por sua generosidade e espírito humanitário cativou os camponeses da região.

No imaginário dos moradores da região, por sua bravura, agilidade e sagacidade em se desviar do caminho da desforra virava borboleta, tornava-se humanamente invisível aos tiranos militares³⁷. Na esteira de Baczo imaginar é fazer crer, é tornar crível o imaginado. Nesse sentido, a Dina borboleta - versátil, atiradora, misteriosa, que se tronava humanamente invisível é a que perdura nas lembranças, no imaginário dos moradores da região. Vale lembrar que vinte anos se passaram para que os silêncios sobre o Araguaia fossem quebrados. Sua memória tentou ser apagada da história do país. Somente com a redemocratização, os gritos desse silêncio adormecidos se soltaram pelas memórias que estão sendo reconstruídas, pelo reconhecimento de corpos desaparecidos, pela constituição da Comissão de Memória e Verdade, dentre outros, e sobretudo pelo reconhecimento de que guerrilheiros, exilados, são filhos de nossa pátria.

³⁶ *Ibidem*, p. 58.

³⁷ Relatório Arroio apud ID. Op. cit., p. 56.